Data: 25.07.2020
Titulo: SEFARAD Onde o passado se faz futuro
Pub: Expresso | E A Revista do Expresso
Tipo: Jornal Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 36;37;38;39;40;41

Área: 4567cm²/ 59%
Tiragem: 123.400
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6904123

SEFARAD Onde o passado se faz futuro

A chegada dos judeus a Portugal confunde-se com o nascimento do país. Ficaram enquanto os deixaram e mantiveram sempre o laço às origens. Na semana em que o Parlamento votou a Lei da Nacionalidade, histórias de famílias que não desistiram de voltar

TEXTO
CHRISTIANA MARTINS
E LUCIANA LEIDERFARB

Data: 25.07.2020

Titulo: SEFARAD Onde o passado se faz futuro

Pub: Expresso | E A Revista do Expresso

Tipo: Jornal Nacional Semanal **Secção:** Nacional **Pág:** 36;37;38;39;40;41

Área: 4567cm²/ 59%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6904123

CORTESIA DE SARA LEVY

PRIMOGÉNITO Sê-lo implicava estar inscrito no Consulado português, por pura tradição familiar. Assim, Ino Levy salvou-se da deportação pelos nazis e conseguiu vir para Portugal, país que não conhecia mas onde os seus antepassados tinham nascido 300 anos antes. Na imagem, Ino Levy com a mulher, austríaca de raízes sefarditas

Data: 25.07.2020

Titulo: SEFARAD Onde o passado se faz futuro

Pub: Expresso | E A Revista do Expresso

Tipo: Jornal Nacional Semanal **Secção:** Nacional **Pág:** 36;37;38;39;40;41

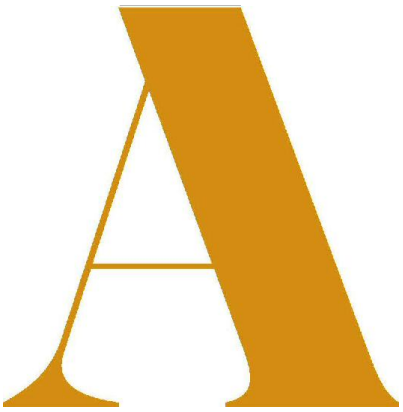
Área: 4567cm²/ 59%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6904123



frase ainda ecoa na cabeça de quem a ouviu, há muitas décadas: "Iogurtes Veneza, a saúde à sua mesa." Anunciava o primeiríssimo iogurte em Portugal e quem a dizia na rádio, com sotaque estrangeiro e dicção impecável, chamava-se Ino Levy. Tratava se do primeiro passo na fixação deste homem no país de adoção. Mas era mais do que isso. Na verdade, Ino retornava ao lugar que a família deixara no século XV, um lugar que era seu, embora nele não tivesse nascido nem crescido. O seu passado acabou por ser o seu futuro, num percurso circular que é o de muitos sefarditas portugueses.

Duplamente exilados, os descendentes de sefarditas encontram na evocação desse passado o consolo de quem, finalmente, mesmo transcorridos séculos, percebe quem é e aonde pertence. E para quem a pertença tornou inteligível um percurso labiríntico, a geografia de um exílio que, em cada caso, assumiu nova configuração. Todas as histórias têm Portugal como ponto de saída e de chegada; todas têm Sefarad (Península Ibérica em hebraico) como terra de memória e de identidade. Todas guardam símbolos do que foram — do que são — as raízes: o refrão radiofónico a divulgar o sabor nunca antes provado, um documento com o registo ancestral dos casamentos da família, um sacrário com um fundo falso que, lá dentro, tem gravada (quase apagada) uma estrela de David.

Não há fundos falsos no caminho de Sara Levy. Aos 42 anos, foi aos poucos tomando posse da história familiar que trouxe o seu avô Ino Levy para Lisboa. "A maior parte da minha vida não liguei muito a esta origem. Não tenho qualquer ligação religiosa ao judaísmo. Porém, depois de ter filhos, comecei a sentir curiosidade", explica. Ajudou-a ter lido o livro que a investigadora americana Sarah Abrevaya Stein escreveu sobre um judeu sefardita nascido em Salónica nos anos 20 do século XIX, de nome Sa'adi a-Levi, que por acaso era seu trisavô. Não tardou a perceber que muitos dos lugares por onde ela própria tinha passado e onde, por vezes, havia residido coincidiam com o itinerário sinuoso dos seus antepassados, com "ligações à Europa toda".

A primeira coincidência é sem dúvida Portugal, onde tudo começa e acaba. Mas saber que os Levy aqui estiveram no século XV não significa conhecer-lhes os detalhes. Só em Salónica, mais tarde, revelar-se-ão dois costumes de família que apontam para um passado português: além do hábito de inscrever o primogénito no Consulado para "manter a tradição", em casa falava se ladino, língua fortemente ligada à diáspora sefardita, que se sobrepunha ao turco corrente e ao francês. A dada altura, a cidade entrou em decadência, pelo que o clã decidiu mudar-se. À exceção de um dos irmãos de Ino — Jacques, que foi para Barcelona —, rumou a Paris, passando por Genebra e Berlim. Na capital francesa, Ino fundou uma empresa de importação e exportação, tornando-se caixeiro-viajante.

Até 1942. A ocupação de França pelos alemães e um ataque dirigido aos judeus de origem grega apenas poupa Ino, o único dos irmãos que, enquanto primogénito, tinha papéis portugueses. Ele pede um visto ao Consulado, que lhe é outorgado um ano depois. A viagem para Portugal faz-se na companhia de uma jovem austríaca, 20 anos mais nova, que fugira do campo de Drancy e com quem viria a casar. "Existem cartas em que o meu avô diz ter ficado em dívida com Salazar pelo visto", conta Sara, apesar da recusa aos pedidos de visto defendida na altura pelo ditador. "É mais provável que a autorização de entrada no país tenha sido obra de um funcionário desobediente", acrescenta. Os pais de Ino refugiaram-se na França de Vichy e sobreviveram à guerra. Mas os irmãos foram deportados e levados para campos de concentração. As mulheres também, e não mais se soube delas.

Internado no campo de trabalho de Ottmuth e transferido para Blechhammer, um dos subcampos de Auschwitz, Jacques viveu para regressar a Barcelona e ser um dos fundadores da Danone. Em Portugal, Ino, o irmão mais velho, morou na Curia, na Figueira da Foz e por fim em Lisboa, onde iniciou um negócio inédito no país: o dos iogurtes Veneza, os primeiros nacionais, que anunciava na rádio com voz de tenor e sotaque estrangeiro. O pai de Sara, diz ela, também tinha boa voz, herdada do pai. E ela herdou o 'bichinho' das viagens — já viveu em seis países, hoje na mesma Paris que um dia acolheu o avô. Herdaram também um judaísmo laico, que não celebrava o *shabbat* e apenas recorria à sinagoga "se morresse alguém".

"A minha família esteve sempre virada para cá. [...] A dificuldade em obter a nacionalidade nunca os impediu de gostar de Portugal", afirma Samuel Levy

A presença dos judeus sefarditas em Portugal e Espanha não é motivo de consenso entre os historiadores. O que sobra deste primeiro contacto com o território que viria a ser Sefarad são escassos sinais, como uma moeda ou medalha de origem fenícia encontrada em Portugal e que remete a chegada dos judeus para o período pré-romano, como explica ao Expresso Carla Vieira, investigadora da Cátedra Benveniste, da Faculdade de Letras de Lisboa. Mas uma moeda não é suficiente para revelar se esta presença estava consolidada ou se apenas terá sido um resto de uma relação comercial, envolvendo algum judeu de passagem pela Ibéria. Inscrições hebraicas em duas lousas funerárias achadas em Espiche, Lagos, e hoje integradas no espólio do Museu Arqueológico do Carmo, parecem datar nos séculos VI ou VII uma presença judaica mais regular no território hoje português.

Para Inácio Steinhardt, jornalista e investigador, no livro "Raízes dos Judeus em Portugal", a longevidade desta pertença traz em si direitos adquiridos. "Além de constituírem então a mais importante diáspora judaica no mundo, os judeus de Sefarad distinguiam-se das comunidades judaicas nos outros países pelo seu estatuto local. Eles não eram um estrato de imigrantes recentes, uma colónia de estrangeiros na terra onde viviam (a população da Península fora, desde o seu início, heterogénea), mas sim um elemento indígena, estabelecido ali há séculos, que já lá estava quando chegaram alguns novos senhores. Eles haviam absorvido e adotado os usos e costumes da terra, salvaguardando, porém, os seus próprios, como judeus." Uma identidade complexa, nem por isso ambígua, em que cada papel estava bem estabelecido e tinha o seu espaço de atuação: aos monarcas o apoio que lhes era devido; à religião e às origens, toda a identidade.

"Os judeus de Portugal desenvolveram uma identidade própria, que se manteve fiel à pátria anfitriã, mesmo quando a hospitalidade, que lhes foi concedida pela nação portuguesa e pelos seus soberanos, foi assombrada pelas trevas de longos períodos de perseguição e espoliação, cruel coação e morte pelo estrangulamento e pela fogueira. [...] Mesmo aqueles que, para fugir às perseguições, tiveram de optar por novo exílio, a que os historiadores chamaram 'Diáspora Portuguesa', lembraram, com saudade, os bons tempos que viveram na hospitalidade portuguesa." Uma "memória coletiva" que, continua Steinhardt, pode ser encontrada "nas muitas comunidades judaicas, um pouco por toda a parte, mas sobretudo em Amesterdão, Londres, Nova Iorque, que ainda hoje se intitulam portuguesas, ou hispano-portuguesas, e conservam expressões inteiras em português vernáculo no seu ritual".

Certa é a presença de judeus ao lado dos reis portugueses, desde que a monarquia foi instaurada. Se o legado documental sobre o passado sefardita português não é vasto, segundo explica a investigadora Susana Mateus, também associada à Cátedra Benveniste, o que existe é suficiente para sublinhar o papel relevante desempenhado pelos judeus na Corte lusitana, seja como financiadores, intermediários culturais, ao traduzirem textos de e para vários idiomas, seja como médicos ou cientistas. Daí a dificuldade de D. Manuel I em cumprir o édito de

Data: 25.07.2020

Titulo: SEFARAD Onde o passado se faz futuro

Pub: Expresso | E A Revista do Expresso

Tipo: Jornal Nacional Semanal **Secção:** Nacional **Pág:** 36;37;38;39;40;41

Área: 4567cm²/ 59% **Tiragem:** 123.400 FOTO **Cores:** 4 Cores **ID:** 6904123

expulsão por si lançado em 1496, para poder casar-se com a filha dos reis de Aragão e Castela.

APESAR DA FUGA, SAUDADE

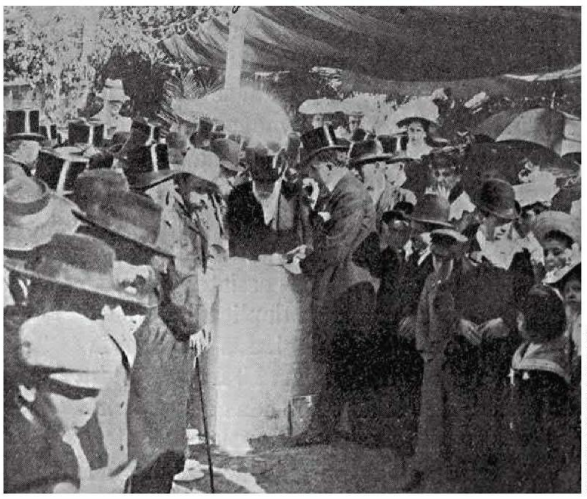
A grande rutura dar-se ia com o século XVI a bater à porta, mas, apesar do trauma coletivo, não foi um abandono total do chão de Sefarad. "Não se diga que a conversão forçada de 1497 interrompeu a presença dos judeus em Portugal. Paradoxalmente, as medidas tomadas por D. Manuel I para impedir os judeus de obedecerem ao seu próprio édito de expulsão, negando-lhes os meios de transporte e mandando que fossem arrastados pela força para as pias batismais, só tiveram como efeito que os judeus, que representavam um quinto da população portuguesa, se integrassem como cristãos-novos no seio do resto da população", escreve Steinhardt. Sobreposta à dor da conversão ou do afastamento ficou sempre a nostalgia de um tempo de prosperidade. "A evocação de Portugal como a pátria da diáspora é feita como a memória de uma herança cultural e genética vinculada à Península Ibérica", refere Carla Vieira. "Estes últimos momentos do judaísmo peninsular, o ocaso do que foi o esplendor das judiarias ibéricas ganha importância simbólica. E deixa saudades", resume Susana Mateus.

"A minha família esteve sempre virada para cá e, quando as circunstâncias o permitiram, veio logo", corrobora Samuel Levy. Convertidos, perseguidos, exilados e interditos várias vezes de regressar, os seus antepassados sentiram sempre Portugal como a "casa" à qual pertenciam, na qual só não viviam porque não podiam. Aos 91 anos, Samuel, presidente honorário da Comunidade Israelita de Lisboa, traça rotas, evoca cidades longínquas, lembra o contexto histórico em que cada passo familiar foi dado. O primeiro, inaugural, aconteceu em Lisboa, onde em 1465 nasce Meir Ha-Levi, origem das suas origens, um dos judeus 'convertidos de pé' por D. Manuel I que, de seguida, se exilou para a fortaleza portuguesa de Safim, em Marrocos, escapando à Inquisição.

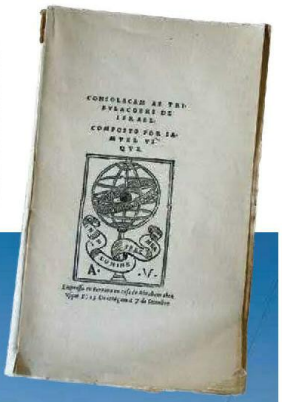
Samuel reconhece aqui um hiato na extensa linhagem que o antecede. Retoma a em Tetuão e em Gibraltar, sob domínio inglês desde o século XVIII, após o Tratado de Utrecht. Neste território, o seu trisavô Moses Levy prosperou como comerciante. "Tinha uma frota de cem barcos e comércio com Portugal, Europa, Brasil e Norte de África", conta o descendente. Em 1808, o almirante inglês Lord Jervis, comandante da esquadra portuguesa durante as invasões napoleónicas que receberia o título de conde de São Vicente, convidou Moses a regressar a Portugal. Perante tal hipótese, oito gerações de exílio em Marrocos não pesaram quase nada, nem mesmo quando, à chegada a Lisboa, lhe foi sugerido que alterasse o seu nome, para o que ainda restava da Inquisição não o identificar como judeu. A isso Moses negou-se, e o príncipe regente teve de lhe emitir um salvo conduto.

Vinha com o cunhado, Isaac Aboab — ascendente da família Bensaúde e do ex-Presidente da República Jorge Sampaio —, e ambos formaram uma empresa que negociava azeite e cereais, com escritórios na Praça do Município. Foram trazendo os netos, entre os quais o avô de Samuel Levy, que chegou em 1869, já casado, de Gibraltar e que cá teve o primeiro filho, nascido com nacionalidade inglesa, pois, à época e até à I República, a portuguesa estava vedada aos judeus. "A dificuldade em

CORTESIA DE SAMUEL LEVY



CORTESIA DE SAMUEL LEVY



NUNO BOTELHO

LEGADO Colocação da primeira pedra na sinagoga Shaarê Tikvah, em Lisboa, em 1902. O tio-avô de Samuel Levy presidiu à cerimónia (em cima e à esquerda). Livro de Samuel Usque, financiado por Gracia Nasi no século XVI, que só foi publicado em Portugal 350 anos mais tarde. Samuel Levy, presidente honorário da Comunidade Israelita de Lisboa, na varanda da sua casa (em baixo)

Data: 25.07.2020
Titulo: SEFARAD Onde o passado se faz futuro
Pub: Expresso | E A Revista do Expresso
Tipo: Jornal Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 36;37;38;39;40;41
Área: 4567cm²/ 59%
Tiragem: 123.400
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6904123

CORTESIA DE SÉRGIO POGGI AUBERT

CORTESIA DE SÉRGIO POGGI AUBERT

FAMÍLIA Trisavô de Sérgio Poggi Aubert com filhos e netos, em 1930, em Recife (em cima). Casamento dos avós em 1926 (à direita). Pisa-papéis de cristal da família com a forma da estrela de David

obter a nacionalidade nunca os impediu de gostar de Portugal", observa Samuel, que também do lado materno guarda uma história tipicamente sefardita: a mãe Esther Sequerra possui genealogia até 1537 em Santa Comba Dão, terra de Salazar, quando a família fora denunciada à Inquisição e vários membros morreram. Um braço foi para Hamburgo, seguindo para Amesterdão e Londres, onde um trisavô se apaixona por uma judia de Gibraltar e, em 1819, compra casa em Faro e funda a Comunidade Israelita daquela cidade algarvia.

A portugalidade imemorial dos judeus sefarditas não era uma questão de debate público até que, em 2013, a Assembleia da República aprovou por unanimidade uma alteração à Lei da Nacionalidade que permitiria aos descendentes conquistar um novo passaporte. A adesão que a legislação portuguesa, promulgada em 2015 com menos exigências do que a congénere espanhola, conquistou nas mais diversas paragens começou a atrair atenções e, este ano, a deputada socialista Constança Urbano de Sousa apresentou uma proposta que visava exigir mais garantias dos pretendentes ao vínculo com Portugal. Levantaram se muitas vozes, sobretudo entre os próprios socialistas. Estes dividiram se entre nomes como Maria de Belém Roseira e Vera Jardim e mesmo o ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva, preocupado com as relações bilaterais com os Estados que concedem vistos automáticos a Portugal, e uma geração mais nova liderada pela ex-ministra da Administração Interna, secundada pela responsável pela pasta da Justiça, inquietada com o crescimento do número de advogados nacionais e estrangeiros a fazerem negócio com a instrução dos processos de candidatura. A polémica perdurou até que, há alguns dias, Constança Urbano de Sousa recuou em toda a linha, e assim, esta semana, o Parlamento irá votar uma versão sem diferendos: em lugar da exigência de dois anos de residência no país, a nova proposta prevê apenas a necessidade de "cumprimento efetivo de requisitos objetivos de ligação a Portugal" para obtenção do passaporte. "O Governo pode conceder a nacionalidade por naturalização a descendentes de judeus sefarditas através da demonstração de tradição de pertença a uma comunidade sefardita de origem portuguesa, com base em requisitos objetivos comprovados de ligação a Portugal, designadamente apelidos, idioma familiar, descendência direta ou colateral e que possuam efetiva ligação à comunidade nacional." Depois, caberá ao Executivo regulamentar a lei. Em cinco anos, através da legislação de "reparação histórica", cerca de 62 mil pedidos de cidadania portuguesa foram apresentados por descendentes de sefarditas. Destes, quase 17 mil obtiveram o passaporte nacional.

MUITO MAIS DO QUE COINCIDÊNCIAS

Há cerca de um mês, o documento chegou às mãos de Sérgio Poggi Aubert, brasileiro de 46 anos que, de quipá colocada, não evita o pranto ao evocar as suas raízes portuguesas. Depois de muita pesquisa, descobriu-se herdeiro de uma história que começou com o desembarque em Recife, no século XVI, de uma jovem órfã chamada Brites Mendes de Vasconcelos. A documentação encontrada na Torre do Tombo aponta para que fosse filha de Joana Mendes de Vasconcelos, queimada nas fogueiras da Inquisição, e de Baltazar Mendes de Vasconcelos, desaparecido na História. Acolhida no Brasil pela mulher de um dos primeiros donatários das terras

Data: 25.07.2020
Titulo: SEFARAD Onde o passado se faz futuro
Pub: Expresso | E A Revista do Expresso
Tipo: Jornal Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 36;37;38;39;40;41

Área: 4567cm²/ 59%
Tiragem: 123.400
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6904123

em Pernambuco, Brites deixou uma vasta descendência, que terá chegado a Sérgio Poggi Aubert.

"Desde criança, sempre tive uma forte proximidade a Portugal e aos anciãos da família. Conheci a minha bisavó, que viveu até os 106 anos, e dos mais de 60 netos da minha avó, Maria da Conceição, acredito que possivelmente eu tenha sido o mais próximo. Mãe de 18 filhos, carregava consigo memórias de tempos idos, pouco partilhadas, quase secretas, das quais tive a felicidade de tornar-me guardião", conta, emocionado. E é o segredo que define a pertença judaica daquela família. Marranos ou cristãos-novos, viveram em privado os vestígios da religião, dando origem a um misto de rituais que Israel tem dificuldade em reconhecer. Os sinais são muitas vezes quase cifrados, mas perduram, envolvidos pelo respeito e por uma tradição que ninguém ousa interromper.

A consanguinidade na família era banal. "Os casamentos endogâmicos eram frequentes — de 12 casamentos, 9 realizaram-se entre primos direitos. No começo do século XX, o pai da minha avó casou-se com a filha de portugueses católicos fervorosos, cristãos-velhos, de Azurara, no Norte de Portugal. Assim consolidou-se uma vigilância mais forte dessa prática, em especial por parte da minha avó Conceição, que tinha medo das deformidades e a condenava com veemência", relata Sérgio.

No Nordeste brasileiro, os judeus sefarditas fizeram-se senhores de engenho, médicos, comerciantes e poetas. Pistas que marcaram o assumido cristão-novo e judeu de coração: "Cresci ouvindo histórias da minha família portuguesa, dos engenhos de cana de açúcar, sobre os meus antepassados, sobre a vocação para o empreendedorismo, comércio, artes, como também pelo respeito às tradições da culinária familiar. Venda de miudezas, de bacalhau, de cultivo e transporte de açúcar, entre outros negócios, figuraram como bases de sustento daqueles que me precederam." Com 17 anos, Sérgio estudou na Holanda, onde contactou com a comunidade judaica de Amesterdão, ligação que não mais perderia. E, como acredita que "as coincidências não foram apenas um acaso", chegaria a trabalhar uma década para o Governo da Alemanha, nos processos de Compensação e Devolução da Nacionalidade Alemã a Judeus Alemães que perderam a cidadania durante o III Reich.

Um percurso que só encontrou paragem quando o passaporte português desembarcou em Recife: "A devolução da cidadania portuguesa aos descendentes de judeus sefarditas é, para mim, muito mais do que um ato documental e burocrático. É algo espiritual, tão forte que me faltam palavras para o definir. Sinto-me herdeiro da dor, da saudade de algo que não conheci, do orgulho de carregar nas minhas veias sangue português sefardita. Tenho plena certeza de que a cidadania portuguesa é parte de algo muito maior, que vem consolidar uma reaproximação definitiva às minhas origens e identidade." Algo maior, com novas significações, como a estrela de David gravada no interior de um oratório em madeira, presente na família há seis gerações, que Sérgio recebeu da avó e já doou ao futuro Museu Judaico, a ser construído em Lisboa.

Não é objeto único. Existe também um pisa-papéis em cristal de quartzo, conhecido na família como o "coração de David", objeto de devoção de Maria da Conceição, que o mantinha guardado dos olhares e jamais o utilizou para fins práticos. A avó morreu em 2005, depois de 95 anos de uma vida com um casamento aos 15 e 23 filhos. De todos os descendentes, Sérgio foi aquele que mais forte ouviu o apelo das raízes, de tal forma que não tem dúvidas em afirmar: "Somos marranos, não só sefarditas. A ortodoxia judaica tem reticências face ao marranismo, mas não acredito numa conversão ao judaísmo, é mais um retorno. Não se pode converter alguém ao que sempre foi", garante, visivelmente comovido.

Num percurso marcado por relatos históricos, mas também por muitas memórias imaginárias, uma imagem mítica dá rosto à ligação do povo sefardita à geografia ibérica: Gracia Nasi, nascida Beatriz de Luna. "É um símbolo de resistência. Nasceu cristã, já após a conversão forçada de 1497, saiu da Península Ibérica antes da escalada de aculturação, e toda a sua deambulação pela Europa até ao Império Otomano faz dela uma líder", conta Susana Mateus.

Integrada na família Mendes Benveniste por casamento com um próspero comerciante de especiarias e metais preciosos, Francisco Mendes, Beatriz terá chegado a Portugal em 1492, vinda da zona de Aragão, em Espanha, fugida do édito de expulsão dos reis católicos Fernando e Isabel. A pujança da família era tal que acabaram convertidos em financiadores da Corte portuguesa, mas, com a morte de Francisco em 1535 e a ameaça do estabelecimento da Inquisição em Portugal, a família abandonou Lisboa.

Em Antuérpia, a família, composta por Beatriz de Luna e a filha Ana, a irmã Brianda e dois sobrinhos, reúne-se à volta de Diogo Mendes, irmão de Francisco, que para lá se dirigira com o objetivo de, no centro da Europa, distribuir as especiarias. Com Beatriz seguia uma fortuna de 300 mil ducados em ouro. Brianda casou-se com Diogo em 1539, mas em quatro anos também ficou viúva. Curioso é que, no testamento, o comerciante deixa a herança não à mulher mas à cunhada. Mais dois anos e os Mendes Benveniste voltam a partir, primeiro para Veneza, onde as duas irmãs se separam, depois para Ferrara. Em 1557, a "Senhora" — como Beatriz de Luna ficaria marcada na memória judaica — entra em Constantinopla cercada de fausto. Muda o nome para Gracia Nasi, transformando-se na matriarca dos judeus da diáspora. Contribui para a construção de sinagogas, apoia judeus em fuga, consegue até o beneplácito do sultão para estabelecer judeus em Tiberíades, onde terá morrido por volta de 1569. E conquista espaço no imaginário do povo que a adotou.

De Telavive, a voz de Yaffa Biton também fala de misticismo. Quer vir para Portugal porque "sempre teve a forte sensação de que haveria de viver" aqui. A família conta como certa a origem no sul de Sefarad, na região de Córdova, e o posterior exílio em Marrocos, Casablanca. Os avós emigraram para Israel nos anos 1960, onde o resto dos familiares nasceu, incluindo ela própria e o irmão, Shimon Reem Biton. Shimon morreu em 2019, a bordo do avião da Ethiopian Airlines que se despenhou com 157 passageiros. Estava em processo de obtenção da nacionalidade portuguesa, invocando uma origem sefardita alargada, mais afetiva do que nacional. Em memória do irmão, Yaffa fez também o pedido de passaporte para ela e os cinco sobrinhos. Mal a covid-19 o permitir, quer apanhar um avião e viver no apartamento que já alugou no Porto. Como explica, trata-se de um retorno. "Estamos felizes de regressar à terra de onde os nossos antepassados foram deportados", diz-nos ao telefone. É Sefarad, chão concreto de onde sabe ter saído, chão mítico sem fronteiras definidas, que a chama. ●

:amartins@expresso.impresa.pt